

LEITURA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO CONTO “A LEGIÃO ESTRANGEIRA”, DE CLARICE LISPECTOR

Natasha Naves ZAMPIERI¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar uma leitura, análise e interpretação do conto “A legião estrangeira”, de Clarice Lispector, segundo a teoria literária, aliando-a também a conhecimentos da psicologia e da Psicanálise. Por meio dessa interface, analisa-se uma melhor compreensão das paixões e comportamentos humanos representados pelos personagens. A paixão predominantemente explorada é a inveja.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Inveja; Literatura; Psicanálise; Psicologia.

1. Introdução

A escritora Clarice Lispector nasceu em Tchechelnik, na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920, e morreu dia 9 de dezembro de 1977, na véspera de completar 57 anos, no Rio de Janeiro, como informa a reportagem da BBC News (Brasil) intitulada “Clarice Lispector: mais de 40 anos após morte, escritora desperta mais questões do que quando viva”.

De acordo com a linha do tempo postada em 2016 pelo Instituto Moreira Salles, a vinda de Clarice para o Brasil foi resultado de uma fuga contra os violentos ataques aos judeus, denominados “pogroms”, que aconteceram na Ucrânia antes e depois da Revolução Bolchevique de 1917. A família Lispector desembarcou em Maceió (AL), em 1922, e se mudou para Recife (PE), em 1925. Em 1939, Clarice ingressou no curso de Direito da então Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), e, no ano seguinte, começou a carreira de repórter e jornalista em *A Noite*, jornal do Rio de Janeiro.

Olga de Sá, em um trecho de seu livro *A escritura de Clarice Lispector* (1979), assinala o fato de Lispector considerar *A paixão*

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. O artigo resulta de Iniciação Científica realizada em 2018, sob a orientação do Prof. Dr. Arnaldo Franco Junior. E-mail: zampierinatasha@gmail.com

segundo G. H., de 1964, o seu melhor romance. Esse romance, ao lado de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de 1969, *Água viva*, de 1973, e *Um sopro de vida*, de 1978, faz dela uma referência no âmbito literário, inspirando escritores e pesquisadores. Érico Veríssimo, ao lado de Guimarães Rosa, a considera como quem, no Brasil, melhor usou a sintaxe psicológica, a qual Veríssimo define como aquela que possui maior recorrência de verbos psicológicos, ou seja, de verbos que descrevem estados psicológicos. Essa forma de usar a sintaxe é, segundo ele, um dizer que tenta

descrever o indescritível, exprimir o inexprimível, transmitir ao leitor certos estados de espírito particulares- angústias, alucinações, sonhos, delírios e mesmo certo pensamentos e sentimentos sutis do cotidiano (VERÍSSIMO, 1996, s/p).

As obras da autora são compostas por episódios simples do cotidiano e voltam-se para o estudo e a análise do comportamento das personagens, pois exploram problemas, contradições, dúvidas e inquietudes da existência humana. É como se seus textos convidassem o leitor a desvendar as problemáticas humanas neles contidas, fazendo com que ele descubra um pouco mais sobre si mesmo e sobre os outros. Sendo assim, os tais episódios rotineiros, que parecem triviais e confortáveis de ocorrer no dia a dia, são os eventos dos quais emergem os momentos epifânicos de crise e de revelações.

Dito isso, partiremos, agora, para o objeto de estudo deste artigo: o conto "A legião estrangeira". Esse conto está inserido no livro homônimo, publicado em 1964, pela Editora do Autor. Os contos deste livro abordam questões familiares, da infância e da solidão.

A nossa leitura, análise e interpretação do conto estabelece nexos com o campo da psicologia/psicanálise, o que permite estabelecer vínculos entre as personagens e os aspectos da psicologia humana reconhecidos na representação literária. Torna-se possível reconhecer esses aspectos por meio da leitura e interpretação baseada em um campo simbólico, ou seja, é possível, através do

estudo das personagens, inferir paixões e comportamentos sociais e psíquicos que se conectam à psicologia humana.

Dessa maneira, a psicanálise é uma das disciplinas científicas que podem ser usadas na leitura do texto literário para que compreendamos melhor as personagens e suas ações, utilizando conceitos psicanalíticos para esclarecer as paixões (emoções), nem sempre explícitas, e os comportamentos que as movem.

Na análise das ações, falas, pensamentos e características específicas das personagens, a literatura pode ser articulada com a psicanálise, pois a análise detalhada da obra literária e dos personagens nos permite fazer projeções a partir da representação ficcional: “O que une os linguistas e psicanalistas são os símbolos, as representações impressas nas entrelinhas.” (DE MELLO, 2016, p. 69).

A literatura, muitas vezes, parte de um real verossímil para compor suas obras e recria, por meio da linguagem, o psiquismo das personagens para que aquilo que elas representam (simbolizam) possa (ou não) ser interpretado por cada leitor segundo as relações individuais que cada um estabelece com o texto literário. Para a psicanálise, o simbolismo é um modo pelo qual os desejos e as tendências inconscientes do ser humano se transformam em uma representação indireta e figurada do indivíduo, da sociedade e da cultura. Sendo assim, a interpretação do texto literário com base na psicanálise baseia-se na similaridade e na plausibilidade estabelecida entre as personagens e os comportamentos e ações humanas aos quais elas remetem, pois, além da história narrada, um texto literário sempre nos oferece, por meio das personagens, informações sobre valores, ações e comportamentos humanos.

Feita essa breve introdução, passaremos, a seguir, a desenvolver uma análise do conto escolhido, observando aspectos que aproximam Literatura e Psicanálise e ressaltando as relações e os conflitos das personagens. Investigamos como as ações dessas podem nos ajudar a compreender o próprio mundo humano que elas representam.

2. Leitura, análise e interpretação de “A legião Estrangeira”.

O conto “A legião estrangeira” será aqui analisado com base no livro *Como analisar narrativas* (1991), de Cândida Gancho, no capítulo “Operadores de leitura da narrativa” (2003), de Arnaldo F. Jr. e no livro *Figuras de linguagem – Teoria e Prática* (1989), de Hélio Guimarães e Ana Lessa.

O enredo – entendido por Gancho (1991, s/p) como conjunto de fatos de uma história – é contemplado por duas personagens principais, sendo uma delas a narradora, uma mulher adulta, e a outra, Ofélia, uma criança.

A história se inicia pela narração de um fato presente: por ocasião do Natal, a narradora ganhou de presente um pintinho amarelo. Esse acontecimento funciona como elemento disparador da lembrança de um acontecimento passado: por ocasião da Páscoa, a narradora comprara um pintinho amarelo para seus filhos, abrigando-o em sua cozinha.

Junto dessa memória, a narradora se lembra de suas vivências passadas com a menina Ofélia e os familiares dela, seus vizinhos, recordando-se das emoções (inveja e ciúmes, principalmente) vividas pela criança em relação ao pintinho.

Tais episódios são contados por meio de um tempo cronológico não linear. Para narrar os acontecimentos desse dia do passado vivido com Ofélia, ela se utiliza do procedimento de *flashback*, construindo uma narrativa de recapitulação.

Em visita à casa da narradora, ao descobrir o novo “morador” da casa, o pintinho, a menina sentira um misto de amor possessivo (queria o pintinho para si) e inveja (queria o que era da outra por direito – a narradora o comprara).

No início da narrativa, a narradora nos informa que as ações de Ofélia são de uma adulta precoce, que age com seriedade, que sabe lidar com afazeres de casa e aparenta ter maturidade, como se pode notar no trecho:

Eu era atraente demais para aquela criança. Tinha defeitos bastantes para seus conselhos, era terreno para o desenvolvimento de sua severidade, já me tornara o domínio daquela minha escrava: [...] (LISPECTOR, 1988, p. 105).

A narradora, por sua vez, expressa certo desprezo por esse comportamento de adulta de Ofélia, pois acredita que esse comportamento da menina, valorizado pela sociedade é, na verdade, uma máscara que a aliena de sua própria natureza, transformando precocemente em uma adulta rígida que reproduz regras e normas sem refletir sobre elas ou questioná-las. Vejamos:

A boca delicada ficou um pouco infantil, de um roxo pisado. Olhou para o teto – as olheiras davam-lhe um ar de martírio supremo. Sem me mexer, eu a olhava. Eu sabia de grande incidência de mortalidade infantil. Nela a grande pergunta me envolvia: vale a pena? Não sei, disse-lhe minha quietude cada vez maior, mas é assim (LISPECTOR, 1988, p. 106-107).

Quando Ofélia toma ciência da presença do pintinho na cozinha da narradora, a sua suposta maturidade e o seu comportamento de adulta se desfazem:

Diante de meus olhos fascinados, ali diante de mim, como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança. Não sem dor. Em silêncio eu via a dor de sua alegria difícil. A lenta cólica de um caracol (LISPECTOR, 1988, p. 107).

Podemos notar, nesse excerto, que a máscara social ostentada por Ofélia cai diante da presença do animalzinho.

Amanda de Souza Xavier, em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *O abismo da desordem humana: “A legião Estrangeira” de Clarice Lispector* (2017), ressalta a significação do elemento pintinho, que ela, em sua interpretação, relaciona com o cristianismo. Ele significaria natividade, vida nova. Assemelha-se, portanto, ao Cristo: vida breve, com a consciência da morte, porém capaz de resgatar o ser humano. Entretanto, ao mesmo tempo, há dessemelhança, pois o Cristo morre na tentativa de redimir os pecados dos homens, os quais não o souberam amar. No conto, o pintinho é só um animal e não é a sua morte o dado que recebe ênfase, mas sim o despertar de quem o matou: Ofélia. Ele morre em razão da inveja da menina, que foi maior do que o seu amor.

Ainda sob a perspectiva cristã, as datas comemorativas associadas aos fatos narrados (Páscoa e Natal) demonstram como ambas as famílias, da narradora-personagem e de Ofélia, são afetadas por essa crença religiosa. As referências à religião cristã são recorrentes no conto e, ao que parece, as ações das personagens são também pautadas nela.

No episódio com o pintinho, o leitor é convidado a pensar em como a vida é e em como são/podem ser os seres humanos, pois a ação de usar máscaras sociais é algo que, consciente ou inconscientemente, fazemos a todo o momento. Em sociedade, dificilmente estaremos em uma posição confortável para sermos absolutamente livres, dispensados do cumprimento de deveres, regras e normas sociais. Em sociedade, os comportamentos humanos estão sujeitos à moral e aos chamados bons costumes, e isso impõe limites aos indivíduos.

No trecho: "A agonia de seu nascimento. Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo." (LISPECTOR, 1988, p. 107), o "outro" citado pela narradora alude à posição social de criança que Ofélia possui. A coragem de ser uma criança, porém, só ocorrerá para a menina no episódio do pintinho, em que a sua falsa maturidade se desfaz diante da vontade de ter um animalzinho e de brincar, algo próprio de crianças.

A partir do contato com o pintinho, Ofélia começa a querê-lo incansavelmente, porém esse amor possessivo se associa à inveja, já que o animal era da narradora. É a inveja que faz com que a menina ache que o pintinho tinha de ser dela. Observe-se:

Se ele corria, ela ia atrás, parecia só deixá-lo autônomo para sentir saudade; mas se ele se encolhia, pressurosa ela o protegia, com pena de ele estar sob o seu domínio, "coitado dele, ele é meu"; e quando o segurava, era com mão torta pela delicadeza — era o amor, sim, o tortuoso amor (LISPECTOR, 1988, p. 109).

Essa situação — querer ter para si o pintinho que era da vizinha — gera um grande desconforto em Ofélia, que acaba

matando o bichinho quando diz que vai devolvê-lo na cozinha. Quando, depois de matá-lo, a menina avisou que teria de ir para a sua casa, a narradora suspeitou que houvesse algo errado, pois a menina saiu “dissimulada” e “discretamente”, sem grandes reações ou sentimentos. Na verdade, parecia para a narradora ter uma postura serena, de quem sabe o que faz. Somente após pensar no ocorrido a narradora percebeu que algo estava errado na postura silenciosa de Ofélia e foi verificar o pintinho, descobrindo, então, que ele estava morto.

Como o conto é narrado em primeira pessoa, a narradora participa dos acontecimentos, registrando o seu ponto de vista sobre eles, como se nota, por exemplo, em:

A pior parte da visitação era a do silêncio. Eu erguia os olhos da máquina, e não sabia há quanto tempo Ofélia me olhava em silêncio. O que em mim pode atrair essa menina? Exasperava-me eu. Uma vez, depois de seu longo silêncio, dissera-me tranquila: a senhora é esquisita (LISPECTOR, 1988, p. 103).

A narradora faz uma consideração pessoal quanto ao silêncio de Ofélia, caracterizando-o como constrangedor, porém o silêncio da menina poderia ser apenas um momento de contemplação ou algo relacionado a analisar a mulher mais velha que tem diante de si, como vimos na passagem transcrita acima.

Nesse conto, o conflito dramático se intensifica na relação da narradora com Ofélia após a descoberta do pintinho, pois a partir da presença do animal é que ocorrerão mudanças no comportamento de ambas, além dos sentimentos por ele propiciados.

A relação das duas, que, antes, era exclusiva e parecia ser muito mais uma relação de mando e obediência (em que a narradora parecia obedecer a Ofélia), como explicitado em “Tudo o que eu fazia era um pouco errado, na sua opinião. [...] como se eu lhe devesse ter pedido conselhos e, já que eu não pedia, ela dava” (LISPECTOR, 1988, p. 102), passou a ser amparada pela narradora, pois a presença do pintinho fez com que a menina se despojasse da máscara de adulta: “Ela não me perdia de vista: havia marcas de pés

que ela não via, por ali alguém já tinha andado, e ela adivinhava que eu tinha andado muito.” (LISPECTOR, 1988, p. 107); “Sua luta se fazia cada vez mais próxima e em mim, como se aquele indivíduo que nascera extraordinariamente dotado de força estivesse bebendo de minha fraqueza.” (LISPECTOR, 1988, p. 109); “Pela primeira vez me largara, ela não era mais eu.” (LISPECTOR, 1988, p. 110).

A ideia de a narradora sentir-se estrangeira dentro de sua própria casa possui relação com o fato de Ofélia exigir muito dela psicologicamente, pois as ações da menina-adulta são reavaliadas pela narradora, que se lembra dos dizeres, avaliações e julgamentos que a menina lhe dirigia.

As personagens principais do conto são Ofélia e a narradora; como secundárias aparecem a mãe de Ofélia e os filhos e o marido da narradora. A narradora se apresenta como uma personagem multifacetada, sendo, portanto, plana com tendência a redonda, visto que, no começo da narrativa, possui um discurso não afetivo, afirmando que não gosta da vizinha nem de sua filha, porém no final da narrativa, passa a se importar com a garota e ter um sentimento de “salvação” sobre a criança, pois quer libertá-la das máscaras sociais.

Ofélia, por sua vez, se mostra também como plana com tendência a redonda, já que começa com uma posição de adulta e acaba por, finalmente, ser criança como deveria ser: “Já há alguns minutos eu me achava diante de uma criança. Fizera-se a metamorfose.” (LISPECTOR, 1988, p. 108).

A narradora do conto classifica-se como autodiegética, pois é protagonista da sua própria história, e intradiegética, assumindo posição de narrador em uma narrativa secundária presente no decurso de uma narrativa primária: inicia o conto narrando que recebera um pintinho de presente e, depois, passa a narrar a história vivida com Ofélia no episódio com outro pintinho.

A narração é feita, predominantemente, por meio de discurso indireto, logo, de sumário narrativo. Lígia Chiappini Leite (2001), em seu livro intitulado *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*, apresenta a concepção de Norman Friedman (1995) sobre sumário narrativo: a exposição dos eventos abrange um

determinado período de tempo e uma determinada variedade local, nos quais vão emergindo “detalhes específicos, sucessivos e contínuos de tempo, lugar, ação, personagem e diálogo”.

O tema, nesse conto, emerge do conflito interno da criança, dividida entre a inveja e o amor possessivo. Esse conflito se desenvolverá após ela ter um inesperado contato com o pintinho da vizinha e vivenciar, a partir daí, a quebra de sua máscara de adulta.

O nó se resume no descobrimento, por Ofélia, da existência de um pintinho na cozinha da narradora, fato que a perturba. O clímax é o momento de contato da menina com o animal, pois é nesse momento que ocorrerá a sua “metamorfose” de adulta precoce em criança. O desfecho, por sua vez, é a descoberta, por parte da narradora, do assassinato do pintinho por Ofélia. Neste momento, a narradora entende tal ato e a posterior partida da garota como algo que “teria que ser” (LISPECTOR, 1988, p. 106), tanto para que se dissolva a máscara social de adulta ostentada por Ofélia quanto porque aceita “[...] o coração pesado de um amor que já não era mais livre.” (LISPECTOR, 1988, p. 97), concebendo a natureza do amor humano como possessiva e violenta, o que é justificado, com ironia, pela culpa atribuída ao outro: “Oh, não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor, mas juro que um dia a gente esquece, juro!” (LISPECTOR, 1988, p. 111).

Com relação ao modo de narrativa, neste caso temos a iterativa, a qual apresenta uma única vez os acontecimentos no plano narrativo, mesmo que os ocorridos tenham sucedido várias vezes no plano da diegese. O espaço principal é a cozinha da narradora, onde ocorre a maioria das ações e onde ocorre o clímax; como espaço secundário temos a casa da narradora.

A ambientação, pelo fato de o conto possuir narrador-personagem, é reflexa, sendo produzida pela visão exclusiva da narradora, que constrói os ambientes segundo a sua perspectiva individual, captando a relação de amor e ódio existente entre ela e a menina: “Ela que estava toda coberta, e tinha mãe coberta, e pai coberto. Eu ainda preferia, pois, conselho e crítica.” (LISPECTOR, 1988, p. 103).

A relação de amor e ódio que a narradora estabelece com Ofélia nos mostra a sua preferência por uma criança invejosa e ciumenta, capaz de matar o pintinho por amor possessivo e inveja. É possível reconhecer na narradora um ego maduro, capaz de lidar com a inexperiência, a insegurança, a imaturidade e a perversidade de Ofélia. No entanto, a narradora e Ofélia se encontram, cada uma a seu modo, na dor, pois os anseios de cada uma se complementam e se projetam. Certificamos:

Mas voltava, sim. Eu era atraente demais para aquela criança. Tinha defeitos bastantes para seus conselhos, era terreno para o desenvolvimento de sua severidade, já me tornara o domínio daquela minha escrava: ela voltava, sim, levantava os babados, sentava-se (LISPECTOR, 1988, p. 105).

Dentro dessa perspectiva entendemos que a dicotomia bem X mal é muito explorada pelas personagens, sendo ora Ofélia e sua família a representação do mal, na visão da narradora, ora a narradora a representação do mal, na visão da família de Ofélia.

Como comprovação dessa última polarização, há o episódio em que a narradora encontra a mãe de Ofélia e elas falam sobre um gosto em comum: enfeitar bolos. Esse encontro de algo em comum com o “mal” causa repulsa na família de Ofélia, que não admite ter semelhanças com alguém que consideram inseguro, fraco e ignorante, já que, com isso, poderão identificar tais traços em si mesmos.

Quando éramos forçados no elevador a contato mais prolongado, ele aceitava a troca de palavras num tom de arrogância que trazia de lutas maiores. Até chegarmos ao décimo andar, a humildade a que sua frieza me forçara já o amansara um pouco; talvez chegasse em casa mais bem servido (LISPECTOR, 1988, p. 101).

Ana Laura Moraes Martinez (2015), em seu artigo intitulado *As tramas do nascimento psíquico no conto “A legião Estrangeira”, de Clarice Lispector* apresenta a concepção de Winnicott (1988), o qual considera que “o fato de se ter um corpo não define a existência de

um humano”, o que significa, em termos psicanalíticos, que o nascimento psíquico só ocorre no sentimento de existência, o qual dependerá “do modo como o bebê é cuidado e investido pelo seu ambiente materno” (MARTINEZ, 2015, p. 76).

O conceito de sombra de Carl Jung, em linhas gerais, seria tudo aquilo que foi reprimido durante o desenvolvimento da personalidade do ser. No caso, Ofélia reprime tudo o que seria característico da criança que ela era. E o que é reprimido, muitas vezes, faz parte daquilo que a sociedade condena.

Outra temática explorada pelo conto é a da maternidade, a qual é protagonizada pela narradora, tanto perante a fragilidade do pintinho quanto perante ao nascimento psíquico de Ofélia.

Vejamos isso, primeiro, perante o pintinho:

O menino menor não suportou mais:

– Você quer ser a mãe dele?

Eu disse que sim, em sobressalto. Eu era a enviada junto àquela coisa que não compreendia a minha única linguagem: eu estava amando sem ser amada (LISPECTOR, 1988, p. 100).

E, agora, perante Ofélia:

Sim, repetiu meu silêncio para o dela, sim. Como na hora de meu filho nascer eu lhe dissera: sim. Eu tinha a ousadia de dizer sim a Ofélia, eu que sabia que também se morre em criança sem ninguém perceber. Sim, repeti embriagada, porque o perigo maior não existe: quando se vai, se vai junto, você mesma sempre estará; isso, isso você levará consigo para o que for ser (LISPECTOR, 1988, p. 107).

Martinez (2015, p. 77) assinala que essa maternidade é proveniente do “desamparo radical que é a vida humana”, dentro do qual alguém, geralmente a mulher, tem que se responsabilizar por outro ser e, a partir dessa tomada de posição, performar.

No início do conto, a menina enxerga a narradora como um apêndice de si mesma, porém no episódio do pintinho Ofélia descobre que, na verdade, a narradora é sua outra, o que lhe causa

inveja e autodepreciação, pois é como se a vizinha tivesse e pudesse ter tudo, enquanto ela não tinha nada.

Quando Ofélia assassina o pintinho, ocorre o seu nascimento psíquico, o qual tem como mentora e guia a narradora, que, agora, deve socorrer a menina. As sombras (negações e opressões), anteriormente privadas, transbordam na tentativa da adulta precoce de livrar-se de si mesma, “da negação que ela criou em ser criança, do seu modo de se portar, da persona de seu eu adultizado e soberbo” (XAVIER, 2017, p. 31). Ressalto que, para Xavier, persona é aquilo que vestimos em sociedade, é a máscara social.

A narradora-personagem atua como mãe no nascimento psíquico de Ofélia, é ela quem tem o papel de alimentar o feto, de ajudar Ofélia a parir a si mesma:

Eu estava seca e inerte na cadeira para que a menina se fizesse por dentro de outro ser, firme para que ela lutasse dentro de mim. [...] Sua luta se fazia cada vez mais próxima e em mim, como se aquele indivíduo que nascera extraordinariamente dotado de força estivesse bebendo de minha fraqueza. Ao me usar ela me machucava com sua força; ela me arranhava ao tentar agarrar-se às minhas paredes lisas (LISPECTOR, 1988, p. 108, 109).

A subjetivação da personagem narradora se baseia na análise mental, que faz com que ela dê vazão aos seus pensamentos sem perder de vista a sua posição numa dada situação. Assim, a análise mental serve como um recurso de linguagem cujo objetivo é o de transpor o sentimento ao leitor, sentimento esse que é, ao mesmo tempo, acolhedor/materno e desafiador, como observamos no trecho: “E disse com maior decisão ainda: ‘Volto logo’. Que é que ela quer? – agitei-me – por que atraio pessoas que nem sequer gostam de mim?” (LISPECTOR, 1988, p. 104), no qual a análise mental é utilizada para deixar claro que a narradora compreende a posição e o comportamento da menina.

Em relação às figuras de linguagem, as mais recorrentes são a metáfora e a personificação. Corroboramos com exemplos, de metáfora e, respectivamente, de personificação: “O que era? Mas, o

que fosse, não estava mais ali. Um pinto faiscara um segundo em seus olhos e neles submergira para nunca ter existido. E a sombra se fizera” (LISPECTOR, 1988, p. 105) e

Dessa vez os olhos se angustiaram como se nada pudessem fazer com o resto do corpo que se desprendia independente. E mais se alargavam, espantados com o esforço físico da decomposição que dentro dela se fazia (LISPECTOR, 1988, p. 105).

Outro exemplo de metáfora está nas descrições dos sentimentos, sempre muito intensas, ricas em detalhes, como em: “Mas sentimentos são água de um instante. Em breve – como a mesma água já é outra quando o sol a deixa muito leve [...]” (LISPECTOR, 1988, p. 97).

O ambiente da narrativa, em sua maior parte, gira em torno do estranhamento que a dona da casa sente em sua própria casa e da naturalidade da menina no mesmo espaço, de modo a salientar que o comportamento da menina é sempre de igual para igual, como se ela fosse, de fato, adulta e entendesse de tudo aquilo que fala.

O sentimento de “estrangeira” por parte da narradora se opõe ao conforto que Ofélia sente ao performar uma adulta, performance essa que é tolerada pela narradora, mas não aceita ou valorizada. A narradora, adulta, acreditava que as coisas aconteciam porque tinham que acontecer, sem grandes explicações. É como se ela acreditasse que tudo tem suas fases e seus comportamentos aceitáveis para cada fase: “A nós, pai e mãe, o piar cada vez mais ininterrupto já nos levava a uma resignação constrangida: as coisas são assim mesmo.” (LISPECTOR, 1988, p. 97), o que se contrapõe à garotinha, que queria estar à frente do seu tempo, ser madura, uma mini-adulta.

É assim que o choque ocorre entre ambas: a mulher adulta se deparando com uma menina que não agia como criança e a menina que, após ver o pintinho da outra, se torna uma criança novamente. A “naturalidade” nas ações de Ofélia se justifica por ela achar que, ao se comportar como adulta, ela estaria na mesma posição que a

narradora e, ainda, de certo modo, numa posição superior, como vemos em:

Com seus oito anos altivos e bem vividos, dizia que na sua opinião eu não criava bem os meninos; pois meninos quando se dá a mão querem subir na cabeça. Banana não se mistura com leite. Mata. Mas é claro a senhora faz o que quiser; cada um sabe de si" (LISPECTOR, 1988, p. 103).

Ofélia, ao tentar parecer adulta, na verdade está preocupada em se reafirmar para si mesma, já que considerava a infância (ser criança) algo humilhante, pois em sua família os vínculos emocionais não eram comuns, logo, depender afetiva e materialmente de alguém, para ela, significava ser inferior. Ser uma criança e ser dependente a assustava. Sendo assim, todos os seus ataques direcionados à narradora são, em sua essência, uma tentativa de auto aceitação.

Nesse sentido, Ofélia se torna uma representante de ideais e valores da sociedade, uma metonímia que, por relação de contiguidade, representa a moralidade média e o senso comum, defendendo comportamentos e valores estereotipados e clichês. Porém, toda a sua postura julgadora se desfaz diante da profunda e concreta vivência pessoal das emoções que ela experimenta diante do pintinho que encontra na cozinha da narradora e que ela quer com paixão para si. Ao experimentar inveja da narradora e amor possessivo pelo animalzinho, ao querer o pintinho para si e saber que não podia tê-lo porque ele era da outra, ela o mata e, depois, vai embora, dissimulando o que fizera.

A dualidade da inveja e do amor possessivo, junto com as máscaras sociais e os comportamentos esperados e regulados pela sociedade possibilitam ao leitor, caso haja identificação com a história narrada no conto, analisar as relações e o comportamento humanos de forma a se questionar sobre o que, na vida real, fazemos uns com os outros.

O comportamento de mini-adulta de Ofélia era louvado socialmente, e inclusive ela mesma se sentia orgulhosa pela máscara que usava, visto que ela recalcava e negava a sua realidade de

criança e as suas paixões. Isso, porém, a priva de vivenciar as suas próprias experiências e as suas paixões (amor, inveja, ciúme, ódio) com intensidade e de modo adequado à sua idade.

O conto, então, põe em evidência a violência das paixões humanas, mostrando como elas são intensas e potencialmente perigosas. Há, no mínimo, três dessas violências: a violência que Ofélia comete contra si mesma, a que comete contra a narradora e a que comete contra o pintinho.

A primeira, contra si, ocorre na supressão das suas características infantis, como, por exemplo, correr, brincar e se empolgar com pequenas coisas. Tal ação produz a máscara social de mini-adulta, que tem como premissa um alto grau de perfeccionismo e de cobrança de si mesma, o que se reflete na sua competitividade para afirmar-se como superior à narradora. Observe-se a passagem em que a narradora convida a menina para brincar:

A outra com alguma vergonha notei afinal que estava me vingando. Sofria, fingia, olhava para o teto. A boca, as olheiras.

Você pode ir pra cozinha brincar com o pintinho.

Eu...? perguntou sonsa.

Mas só se você quiser.

Sei que deveria ter mandado, para não expô-la à humilhação de querer tanto (LISPECTOR, 1988, p. 108).

A segunda violência, como já explicitamos anteriormente, remete à inveja da menina em relação à narradora, já que ela quer a todo custo possuir o que essa outra possui e ser o que ela é, adulta:

Devagar fui me reclinando no espaldar da cadeira, sua inveja que desnudava minha pobreza, e deixava minha pobreza pensativa; não estivesse eu ali, e ela roubava minha pobreza também; ela queria tudo (LISPECTOR, 1988, p. 106).

A terceira violência, relacionada com o pintinho, refere-se à incapacidade de amar, pois a inveja que Ofélia sentira fora superior ao seu amor pelo bichinho. O assassinato desse reflete não só no

“saber amar”, mas também na possível forma de lidar com a vida a partir dessa experiência, como assinala a narradora em:

Oh, não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor, mas juro que um dia a gente esquece, juro! a gente não ama bem, ouça, repeti como se pudesse alcançá-la antes que, **desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse altivamente servir ao nada. Eu que não me lembrara de lhe avisar que sem o medo havia o mundo** (LISPECTOR, 1988, p. 111, grifo nosso).

Considerações finais

A exploração da dimensão subjetiva dos personagens, que é marcada por conflitos entre paixões (emoções) e razão, ganha um contorno específico no caso de “A legião estrangeira”: a paixão que é privilegiadamente explorada é a inveja.

É através dessa paixão que Ofélia experiencia as demais: o seu nascimento psíquico, a destruição de sua *persona* e a metamorfose - de mini-adulta para criança. A narradora terá um papel materno perante esse nascimento psíquico e a transformação da criança, ganhando um papel conturbado, pois sentira desejo em ajudá-la ao mesmo tempo em que se sentira incomodada perante as acusações e a presença enfática de Ofélia, com julgamentos, conselhos não solicitados e outros tipos de represálias.

É por essa razão que podemos concluir que ambas se encontram na dor, Ofélia, que antes atacava a narradora como modo de se auto afirmar, diante do derramamento de sua sombra (seu lado obscuro regido por paixões perigosas), busca acolhimento. A narradora, que antes tinha aversão ao comportamento rude da garota, agora sofre perante seus anseios.

O enlace entre a Literatura e a Psicanálise possui suporte na palavra e é só por meio dela que captura o desejo dos personagens como algo capaz de reelaborar o que poderia estar esquecido, reconstruindo memórias, lembrando tradições e histórias. No conto, o *flashback* da narradora é que constrói a história narrada.

A literatura é capaz de (re)criar emoções por meio do trabalho que o escritor realiza com a palavra (escolhas lexicais, construções sintáticas e o modo como elas afetam o plano semântico da obra). Sendo essa a nossa base, estudamos as paixões e a subjetividade das personagens com contribuições da Psicologia/da Psicanálise, já que ambas as vertentes atuam em um solo comum: a leitura dos seres, ficcionais que remetem a comportamentos humanos.

As duas perspectivas oferecem elementos para a compreensão da mensagem construída pelo autor no texto literário, porém esse entendimento, que é amplo e enigmático, demanda análises criteriosas, capazes de depreender as entrelinhas.

ZAMPIERI, N. N. Leitura, análise e interpretação do conto “A Legião Estrangeira”, de Clarice Lispector. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 19, n. 1, p. 446-463, 2020.

READING, ANALYSIS AND INTERPRETATION OF THE TALHE: THE FOREIGN LEGION, BY CLARICE LISPECTOR.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present a reading, analysis and interpretation of the short story “The foreign legion”, by Clarice Lispector, according to Literary theory, also combining it with knowledge of Psychology and Psychoanalysis. Through this interface, we can analyze the human passions and behaviors represented by the characters to understand it better. The predominantly explored passion is envy.

KEYWORDS: Clarice Lispector; Envy; Literature; Psychoanalysis; Psychology.

Referências bibliográficas

- FRANCO Jr., A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EdUEM, 2003. p. 33 – 56.
- GANCHO, C.V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.
- GOTLIB, N. B. *Clarice Lispector: Vida*. Instituto Moreira Salles, São Paulo, dez. 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20161205051142/http://claricelispectorim.com.br/Facts>. Acesso em: 21 jun. 2020

GUIMARÃES, H. de S.; LESSA, A. C. *Figuras de linguagem: teoria e prática*. Ribeirão Preto - SP, Atual editora ltda., 1989.

LEITE, L. C. M. A tipologia de Norman Friedman. In: LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo: (ou A polêmica em torno da ilusão)*. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 25-70.

LETRAS IN.VERSO E RE.VERSO. *Érico Veríssimo*. 14 fev. 2008. Disponível em: <http://www.blogletras.com/2012/09/erico-verissimo.html>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MARTINEZ, A. L. M. *As tramas do nascimento psíquico no conto "A Legião Estrangeira"*, de Clarice Lispector. *Psicanálise & Barroco*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 72-88, jul. 2015. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/7351>. Acesso em: 15 jun. 2020

MELLO, M. M. de. *Literatura e psicanálise: uma história de amor*. Sig: revista de psicanálise/Sigmund Freud Associação Psicanalítica, Porto Alegre, 2016.

MENEZES, A. B. de. *Literatura e psicanálise: aproximações*. REMATE DE MALES, Campinas, 1993. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636202>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MODELLI, L. *Clarice Lispector: mais de 40 anos após morte, escritora desperta mais questões do que quando viva*. BBC News Brasil, São Paulo, dez. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42313869>. Acesso em: 21 jun. 2020.

XAVIER, A. de S. *O abismo da desordem humana: "A Legião Estrangeira" de Clarice Lispector*. 2017. 43f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em Letras Português) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.